

Contribuição para a sociologia da vizinhaça[♦]

Contribution to the sociology of the neighborhood

Emílio Willems

Resumo: O artigo agora reeditado sobre as relações de vizinhaça na cidade de São Paulo, SP, entre os anos de 1939 e 1940, é um estudo sobre reciprocidade e as trocas cotidianas nas relações vicinais. A vizinhaça, como uma categoria analítica é analisada através do método ecológico da Escola de Chicago, introduzida no Brasil pelas mãos de Donald Pierson. Emílio Willems usa a categoria amizade como um processo que se constitui em cada grupamento de vizinhos e em cada vivência simbólica elaborada conforme os preceitos de cada bairro, e de cada rua. Estuda as relações vicinais, tendo o conceito de vizinhaça como uma unidade micro-interacional para o estudo da construção social do habitante de São Paulo e da cidade em geral. **Palavras-chave:** vizinhaça, relações vicinais, reciprocidade, trocas cotidianas, estranhamento, São Paulo capital

Abstract: The article reissued on neighborhood relations in the city of São Paulo, SP, between 1939 and 1940, is a study on reciprocity and daily exchanges in vicinal relations. The neighborhood as an analytical category is analyzed through the ecological method of the School of Chicago, introduced in Brazil by the hands of Donald Pierson. Emílio Willems uses the friendship category as a process that is constituted in each grouping of neighbors and in each symbolic experience elaborated according to the precepts of each neighborhood, and of each street. It studies the vicinal relations, having the concept of neighborhood as a micro-interactional unit for the study of the social construction of the inhabitant of São Paulo and of the city in general. **Keywords:** neighborhood, vicinal relations, reciprocity, daily exchanges, estrangement, São Paulo capital

Introdução ao problema da vizinhaça*

1

O termo vizinhaça usa-se, geralmente, em um sentido restrito, denominando as relações íntimas entre moradores do mesmo local, cujas habitações estejam próximas umas das outras de modo a permitir contatos e interações permanentes. Uma acepção mais ampla, porém, refere-se à vizinhaça entre aldeias, cidades, províncias ou até entre povos inteiros. Não tencionamos, no entanto, dar à palavra um significado tão amplo. Vizinhaça ou grupo vicinal seja a unidade social que se afigura como efeito direto das influências sintetizadoras do espaço.

A vizinhaça é um sincretismo social originado pelo próprio espaço. A aproximação dos homens no espaço jamais deixa de suscitar a necessidade de limitar e equilibrar certos interesses, como a apropriação do solo, das plantas, da caça ou da pesca. A troca, o intercâmbio em geral, impõe-se como outra necessidade que não tarda

[♦] Artigo publicado originalmente na *Sociologia Revista Didática e Científica*, v. 3, n. 1, p. 29-43, 1941.

* Este artigo é parte de um trabalho que seria apresentado no Congresso Internacional de Sociologia, Bucareste, 1939. Por causa da guerra o congresso não se realizou.

em transformar-se em um sistema espontâneo de intercomunicação, acabando por constituir liames simpatéticos entre moradores sedentários.

Todavia, os acontecimentos podem, também, tomar um rumo diferente: o processo de equilíbrio de interesses provoca, por vezes, conflitos. Estes, nem sempre, aniquilam o grupo vicinal pela segregação dos componentes. Casos há e não poucos, em que o vizinho fraco se submete ao mais forte, transformando, desta maneira, um problema de distância geográfica em uma questão de distância social.

O processo de subordinação, ao qual nos reportamos, não exige luta aberta. Ele pode operar-se – inúmeros exemplos da etnologia contemporânea o atestam – por meios perfeitamente pacíficos.

Parece-nos derivar dessas duas modalidades, da coordenação e da subordinação, uma primeira classificação dos grupos vicinais, como sendo:

1. Vizinhança igualitária (coordenativa);
2. Vizinhança senhorial (subordinativa).

Entre camponeses livres, por exemplo, prevalece a primeira forma. Cumpre notar, porém, que também a segunda se encontra entre vizinhos aparentemente livres e de nível igual. O endividamento pode constituir relações de dominação econômica, nas quais o credor desempenha o papel de senhor em relação ao devedor reduzido, às vezes, ao nível econômico de um simples servo da gleba.

A vizinhança senhorial se encontra entre senhor e servo ou escravo, entre fazendeiro e agregado ou camarada, como no Brasil atual. Seria errônea a suposição de que se trate de uma vizinhança “forçada”. Não é raro observar-se a espontaneidade da relação senhorial: o fraco implora a proteção do forte, oferecendo-lhe, em compensação, seus serviços.

A própria escravidão nem sempre se afigura como inteiramente desprovida de espontaneidade. Temos a prova na atitude dos escravos libertos pela abolição: eles continuavam, aos milhares, trabalhando para seus ex-donos, recusando-se a desertar uma instituição, cuja extinção lhes trazia as maiores dificuldades. Entre a senzala e a casa grande havia, portanto, verdadeiras relações vicinais que subsistiam depois de abolido o elemento forçado.

2

Se a vizinhança é, segundo uma expressão de Adolf Günter (1930)¹, uma “simbiose no espaço, forçada pelo convívio”, mister se faz examinarmos quais os fatos ou processos reais sobre os quais repousa essa simbiose.

O elemento primordial do sincretismo local me parece ser a reciprocidade em suas modalidades espontâneas, originada por necessidades cuja satisfação não admite um adiamento. Em todas estas situações da vida podemos observar esse fato, desde os pequenos serviços que as donas de casas vizinhas se rendem, diariamente, até aos acontecimentos de importância: os partos, as doenças, as festas familiares, os desastres e mortes. Em tais ocasiões, espera-se auxílio *imediate*, às vezes, *rápido e eficiente* do vizinho, e sem segundas intenções da parte dele.

O *do ut des*² reveste-se, portanto, de um caráter específico nos grupos vicinais, afigurando-se, nesta forma espontânea e não-racionalizada, como elemento constitutivo. As simpatias tipicamente vicinais somente se compreendem em razão da eficiência das

¹ Die Alpenländische Gesellschaft (A sociedade alpina).

² Expressão latina que possui o significado de *dar, ofertar* ou *oferecer* – Nota RBSE.

relações de reciprocidade. “Ele é um bom vizinho” quer dizer; “ele está disposto a prestar serviços na hora em que os reclamarmos”³.

3

Na análise das relações vicinais, no entanto, nos deparamos, logo de início, com certa dificuldade. Em sociedades do tipo páleo-social, arcaico, ou mesmo nas sociedades rurais da nossa época, onde a vizinhança parece desempenhar funções das mais relevantes, o deslindamento das relações vicinais ou do grupo vicinal como unidade social própria e inconfundível, das relações baseadas em parentesco (consanguíneo, totêmico, classificatório), em participação de crença religiosa, em elementos políticos ou sincretismos territoriais de maior amplitude, afigura-se como tarefa de solução difícil. Como avaliar a importância real da vizinhança na vida tribal dos povos sedentários ou semi-sedentários do tipo páleo-social, isto é, não estratificado?

As relações entre grupos parciais: as famílias, as metades, os *sibs*⁴ e *clãs* são mais determinados pelo parentesco (no sentido mais lato), por preceitos e proibições mágicas e religiosas, do que propriamente pela aproximação no espaço. A despeito disso seria absurdo negar, por completo, a contribuição espacial. Esta, porém, já se destaca nitidamente nas interrelações entre as diversas camadas de povos primitivos, mas estratificados.

A aproximação e a simbiose entre agricultores e pastores, por exemplo, a especialização dos dois estratos, origina relações vicinais legítimas do tipo senhorial e dominadas, inteiramente, pela instituição da reciprocidade. Não faltam depoimentos etnológicos⁵ que nos informam sobre a riqueza das variações possíveis no terreno da estratificação, mas, seja como for, na vida social primitiva, o papel que se atribui à vizinhança é secundário, coincidindo as relações vicinais, às mais das vezes, com relações de outra espécie. Propomos, portanto, para tais casos a denominação *vizinhança concomitante*.

4

Para que a relação vicinal se desprendesse de outras relações foi preciso quebrar certo número de laços sociais que absorveram a vida do primitivo. Onde uma sociedade conseguiu, por motivos cuja análise não vem ao caso, romper os laços clânicos, familiares, religiosos, etc. para estruturar sua vida em moldes diferentes, onde surgiu a *propriedade individual* no solo, na caça, na pesca e nos produtos manufaturados; propriedade essa associada a formas diferentes de *colonização* e *organização familiar*, aí a vizinhança vem substituir, paulatinamente, a tribo ou o clã.

Agora, nada mais une as famílias e os indivíduos, senão o próprio espaço. A necessidade de conviver a distâncias reduzidas afigura-se, originalmente, como o motivo único do sincretismo local. O parentesco consanguíneo dos vizinhos, naturalmente frequente, decorre do fator de vizinhança: certas pessoas são parentas por ter sido vizinhos e não vizinhos por ter sido parentes.

O isolamento forçado de um grupo vicinal forma grupos com endogamia forçada. Exemplos desta espécie são fáceis de encontrar nas zonas rurais, mormente em países como o Brasil, com núcleos rarefeitos e de intercomunicação difícil.

³ Não se pode negar, porém, que nas cidades esta frase já adquiriu um significado meramente negativo, equivalendo à constatação: “Ele jamais nos importuna”.

⁴ O termo técnico *sib* é aplicado a um grupamento humano composto de até três linhagens, puramente consanguíneas, enquanto o *clã* é utilizado para um agrupamento maior formado por indivíduos em torno de um mesmo ancestral – Nota RBSE.

⁵ Uma documentação riquíssima, neste sentido, traz a obra de Richard Thurnwald, *Die Menschliche Gesellschaft* (A sociedade Humana).

Chamamos o grupo em que a vizinhança absorve a existência dos indivíduos e onde todas as demais relações se apresentam como meras derivações do elemento vicinal, *vizinhança existencial*. Temos aí o caso das pequenas povoações rurais, comuníssimas mesmo nas sociedades contemporâneas. É nelas que a vizinhança atinge sua maior importância, chegando mesmo a desprender instituições com poderes especiais, como as vizinhanças do antigo Tirol⁶ que possuíam assembléias próprias a guisa de conselhos comunais⁷.

Exemplos há que atestam a extraordinária força de projeção dos grupos vicinais que, no antigo exército austríaco, por exemplo, formaram quadros de atiradores com oficiais eleitos⁸. O que surpreende nesse exemplo, não é somente o grau de coesão ou solidariedade muito pronunciado, mas também o caráter acentuadamente igualitário desses grupos vicinais a ponto de abrir uma exceção na organização hierárquica do exército.

5

É a urbanização da vida social que coloca a vizinhança em uma situação inteiramente diferente. Não nos podemos deter nesse trabalho perfunctório com o exame dos processos sociais relativos à urbanização. Notamos-lhe apenas esta tendência onde a urbanização é incipiente ou parcial, a vizinhança enfraquece; aonde ela chegou ao auge, os vizinhos convivem como estranhos.

Todavia, aparece nessa diferenciação não somente o contraste entre os grandes centros urbanos e as cidades e vilas provincianas, mas também a diferença entre camadas ou classes diversas da população. Não é apenas na cidade pequena que a vizinhança resiste à urbanização, conservando certa importância para a vida social, mas, também, nas classes sociais consideradas “inferiores”, isto é, mormente no proletariado e na pequena burguesia.

É conhecida a solidariedade do cortiço: Aluizio de Azevedo (1890) nos dá exemplos magníficos deste *esprit de corps* que, em momentos decisivos, vem a sobrepujar até as discórdias étnicas, unindo todos os moradores do local em um esforço supremo. Além de ser de fácil observação, nas favelas e bairros pobres, a solidariedade proletária parece apresentar-nos mais este traço interessante: sua constituição não depende de cerimônias, não há uma fase de observação, um “estágio”, por assim dizer, não se recebe o advena com reserva e desconfiança, observando-lhe as atitudes e vigiando-lhe a moral como nas comunas rurais, onde o adventício, muitas vezes, permanece estranho.

Pelo contrário: os vizinhos proletários acolhem o estranho incondicionalmente, desde que se lhes sinta solidário. A vizinhança proletária estabelece-se sem rodeios e rapidamente. À medida, porém, que o observador “sobe” na hierarquia social, a vizinhança perde a importância, acabando por existir, nos bairros “finos”, apenas como fator potencial.

Aliás, a Ecologia das cidades não é indiferente para o destino do sincretismo local. Em cidades que consistem quase exclusivamente em casas de apartamentos, como os centros urbanos da Europa, a vizinhança desempenha um papel ainda menos

⁶ O Tirol é uma região histórica da parte ocidental da Europa Oriental, e inclui o estado do Tirol, na Áustria, e a Região Autônoma Trentino-Alto Ádige (Trentino-Südtirol), na Itália. A porção meridional do Tirol se subdivide desde 1920 em província autônoma de Bolzano (Südtirol / Sudtirolo) e província autônoma de Trento (Trentino / Welschtirol). (Dados extraídos da <https://pt.wikipedia.org/wiki/Tirol>) - Nota RBSE

⁷ Adolf Günter, op. Cit., p. 594.

⁸ Adolf Günter, op. Cit., p. 140.

importante do que nas cidades “horizontais”, as quais, como no Brasil, se estendem sobre áreas imensas cobertas de casas-de-famílias, próprias ou alugadas.

Em todo o caso, a urbanização relega as relações vicinais para os planos secundários da vida social. A vizinhança torna-se, assim, um fator meramente incidental, senão, apenas potencial. Chegamos desta maneira, a estabelecer um terceiro tipo, o qual nós denominamos de *vizinhança incidental*.

Ensaio de um inquérito sobre relações vicinais em São Paulo

(Comentários a respeito de um trabalho coletivo)

As funções das relações vicinais em nossas áreas metropolitanas ainda continuam sendo incógnitas. Afirma-se muitas vezes que se pode viver em São Paulo, por exemplo, sem tomar conhecimento da existência de seus vizinhos – o que não seria possível nas pequenas cidades do interior, a não ser a pessoas que desejam segregar-se enfrentando as sanções oriundas do isolamento.

O desprezo pelas relações vicinais caracteriza, segundo alguns, o comportamento social da burguesia. A casa isolada de cercas vivas, ciprestes ou altas sebes simbolizam a segregação social dos inquilinos. O retraimento torna-se uma fonte de distinção social. O distanciamento oscilando entre o cumprimento reservado, palavras convencionais e ausência completa de quaisquer contatos, constitui uma espécie de rito social caracterizado por inúmeros detalhes estereotipados.

O bom tom impõe a proscrição de relações amistosas com os vizinhos considerados ameaças latente para a tranquilidade da família. Tudo isso não quer dizer que não haja curiosidade, desejos ou interesses em conhecer o vizinho. Moradores de bairros residenciais revelaram-me, não raro, conhecimentos minuciosos a respeito dos hábitos de seus vizinhos e dos acontecimentos, por vezes íntimos, ocorridos em suas casas. Tais conhecimentos têm sua origem, como me asseveraram, nas relações amistosas dos empregados domésticos, os quais, menos preocupados com a distinção social, costumam procurar amizades na vizinhança. Parece ser um fato perfeitamente normal, pelo menos em São Paulo, que vizinhos, cujas atitudes ritualizadas não permitem tomar conhecimentos uns dos outros, estejam informados de todos os pormenores da vida dos vizinhos por intermédio de seus domésticos.

Moradores de casas “pegadas” geralmente não conseguem impermeabilizar-se a ponto de evitar os contatos. Aqui, os folguedos e os jogos das crianças levam, em regra, à aproximação dos pais. No primeiro caso, as atividades infantis permanecem restritas ao jardim ou quintal da casa. Casas habitadas pela pequena ou média burguesia raramente dispõem de áreas internas; as crianças costumam brincar na calçada. A proximidade das casas não permite uma segregação completa das famílias: até os curiosos acompanham, não raro contra vontade, o desenrolar da vida vizinha.

A habitação proletária constituiria um terceiro tipo. Entre proletários, as relações vicinais, ao que parece, obedecem ao desejo espontâneo de sociabilidade não reprimido pela preocupação de buscar distinção social na segregação. Mesmo em bairros proletários, onde não predomina a habitação coletiva, uma solidariedade prática e espontânea entre famílias vizinhas constituem, aparentemente, a regra. Mas, desavenças ou conflitos mais sérios entre vizinhos proletários parecem ser mais frequentes do que entre vizinhos de outras classes sociais. Proletários não hesitam, geralmente, em aceitar provocações. Pessoas de outros níveis sociais, constantemente preocupadas com a sua distinção, respondem ao desafio apenas com desprezo ou recursos judiciais.

Essas e outras afirmações ou observações podem servir como hipóteses de trabalho, pontos de partida para um trabalho mais acurado de pesquisa. Foi assim que

organizei, em 1939 e 1940, um inquérito destinado a apurar o papel das relações vicinais de São Paulo⁹. Exporei aqui os processos empregados e os resultados obtidos, porém, *apenas a título de ensaio*, pois a pouca extensão da pesquisa não admite generalizações, mas tão somente novas hipóteses indutivas que carecem comprovações ulteriores. Estas, no entanto, somente um trabalho de grande envergadura realizado por um *Instituto de Pesquisas Sociológicas*, inexistente ainda em nosso meio, poderia fornecer, com bases cientificamente satisfatórias.

À confecção do questionário presidiram as seguintes “hipóteses de trabalho”:

1. As relações vicinais variam em função da natureza do bairro;
2. As relações vicinais variam por classe social;
3. As relações vicinais variam em função da nacionalidade;
4. As relações vicinais conduzem à transmissão de dados culturais.

A relação entre as duas primeiras hipóteses é óbvia: a localização dos indivíduos nos diversos bairros obedece a seu status social. Mas, seria possível que bairros habitados pelos componentes da mesma classe social apresentassem diferenças decorrentes de outros fatores, tais como, por exemplo, distância do centro urbano, meios de transporte, existência de oportunidades recreativas, etc.

Como fatores determinantes da classe social, considerei a profissão do chefe da casa, o número de empregados e a circunstância de se tratar de casa própria ou alugada. Não há dúvida de que esses fatores ainda não caracterizam suficientemente a classe social dos perquiridos, mas a experiência posterior ensinou que, em muitos casos, mesmo esses característicos gerais não puderam ser averiguados pelos pesquisadores, de sorte que não foi possível aproveitá-los.

Restaram a profissão e o bairro para se chegar a conclusões provisórias quanto às influências da classe social sobre a constituição de relações vicinais. O número reduzido de casos também não permitiu uma apuração completa por bairro ou grupos de bairros.

Considerei igualmente expressiva a ausência de relações vicinais como a sua presença. Na última hipótese duas possibilidades se me deparam: relações associativas e relações dissociativas. Assim é que nos questionários figuram três seções principais:

- . Relações amistosas;
- . Relações hostis;
- . Indiferença.

Sendo necessário procurar os fatores determinantes da vizinhança nas condições sociais de todos os vizinhos participantes do grupo vicinal, confeccionei dois modelos de questionários. O “Modelo A” serviu para estudar a família que o pesquisador escolheu como ponto de partida. O “Modelo B” foi empregado para as famílias vizinhas.

A parte essencial da pesquisa se refere ao papel da vizinhança para a transmissão de dados culturais. Daí o caráter explícito dos quesitos respectivos e a sua divisão em categorias segundo o grau de intimidade das relações.

⁹ O inquérito foi realizado pelos alunos do curso profissional das Escolas Normais Oswaldo Cruz, Rio Branco e Ipiranga. Colaboraram comigo os Profs. Drs. Romano Barreto e Querino Ribeiro.

Modelo A

PESQUISA SOBRE GRUPOS VICINAIS EM SÃO PAULO

Número de famílias ou moradores independentes de que se compõe o grupo vicinal a ser investigado (1):

Localização: Bairro: Rua:

Características gerais da rua: Informações sobre a classe e as ocupações de seus moradores, espécies de casas, etc. ...

Família A (2): Casa própria ou alugada:

Número de componentes e designação do parentesco:

Profissão do pai (especificar cuidadosamente)

Profissão da mãe:

Profissão dos filhos e dos outros parentes agregados: ...

Nacionalidade do pai: ... da mãe: ...

Nacionalidade dos filhos e dos outros parentes agregados: ...

Empregados: ... Sublocatários: ...

Quais são as atitudes observadas em relação aos vizinhos? (Indiferença, amizade, hostilidade)

Com a família B: ...

Com a família C (3): ... Com outras:

Relações amistosas: com a família

De quem partiu a iniciativa destas relações: ... Quais as pessoas que estabeleceram estas relações: ... Por que motivo?

Natureza das relações amistosas atuais: Cumprimento? Conversas convencionais? Visitas rápidas?

Pequenos serviços? ... Quais?

Serviços de vulto? (Por exemplo: empréstimo de dinheiro, guarda de filhos menores, compras, vendas, guarda da casa, enfermagem, assistência de qualquer espécie, relações comerciais ou profissionais, etc.)

Há amizade mais estreita? ... Quais as pessoas que a mantêm? ... Quais as manifestações? (Ações em comum, diversões, viagens, etc.) ... Há intimidade? ... Há participação direta e confidencial da vida alheia? ... Em que consiste esta participação? (Conselhos, intervenção direta ou indireta, etc.) ... Há relações educativas? ... Há conhecimentos, práticas, habilidades, crenças, superstições, costumes, usos, expressões linguísticas, etc. transmitidos da família vizinha, ou transmitidos para ela? ... Quais? ... Casos omissos: ...

Relações hostis? Com a família: De quem partiu a iniciativa destas relações: ... Quais as pessoas que estabeleceram estas relações: ... Por que motivo? ... Há desprezo (mútuo ou unilateral)? ... Há rivalidade? ... Por que há e em que consiste a rivalidade ou concorrência? ... Há conflitos abertos? ... Quais as manifestações: ... Casos omissos: ...

Indiferença (5) – Em relação a família: ... Quais os motivos que determinam essa indiferença? (Preconceito, falta de tempo ou oportunidade, falta de entendimento, etc.) ... Casos omissos:

Observação: ...

Assinatura do Pesquisador

(1) Ai pode figurar a família do próprio pesquisador

(2) Convém denominar as famílias que fazem parte do grupo com letras do alfabeto, usando para as demais famílias as fichas do "Modelo B"

Modelo B

PESQUISA SOBRE GRUPOS VICINAIS EM SÃO PAULO

Família (1) Casa própria ou alugada Número de componentes e designação do parentesco: ...

Profissão do pai: ...

Profissão da mãe: ...

Profissão dos filhos e de outros parentes agregados: ...

Nacionalidade do pai:

Nacionalidade da mãe:

Nacionalidade dos filhos e de outros parentes agregados: ...

(1) A denominação das famílias em fichas "Modelo B" deve coincidir com a denominação na ficha respectiva "Modelo A"

O número total dos casos apurados foi de 435, distribuídos assim:

- | | |
|------------------------|--------------|
| 1. Relações amistosas | 255 ou 58,6% |
| 2. Indiferença | 158 ou 36,3% |
| 3. Relações hostis | 10 ou 2,3% |
| 4. Fichas imprestáveis | 12 ou 2,7% |

Relações amistosas

Devido ao número reduzido de casos, parecia-me aconselhável a formação de grupos de bairros, segundo o seu caráter mais ou menos proletário. Baseando-me em alguns estudos anteriores, dividi os bairros em dois grupos. É quase inútil dizer que essa divisão tem apenas um valor aproximativo, pois não existem estudos completos e acurados sobre a distribuição das classes na paulicéia. No grupo “A” predominam as classes médias; o grupo “B” é representado por bairros operários.

<i>Grupo A</i>		<i>Grupo B</i>	
Aclimação	8	Água Branca	3
Bela Vista	15	Água Rasa	1
Cambuci	7	Alto do Pari	2
Campos Elíseos	13	Belém	10
Cidade	7	Braz	5
Consolação	2	Bom Retiro	2
Higienópolis	7	Casa Verde	4
Indianópolis	3	Freguesia do Ó	1
Jardim América	7	Ipiranga	10
Jardim Paulista	4	Jabaquara	2
Liberdade	12	Lapa	6
Luz	3	Moóca	10
Paraíso	5	Osasco	1
Perdizes	13	Penha	5
Sant’Ana	14	Pinheiros	9
Santa Cecília	10	Santo Amaro	1
Santa Ifigênia	3	Total	72
Vila Buarque	1		
Vila Clementino	6	72 casos ou 28,2%	
Vila Mariana	31		
Vila Pompéia	8		
Saúde	4		
Total	183		

183 casos ou 71, 8%

Como era de se esperar, os casos colhidos localizam-se, na maioria, em bairros “burgueses”. Mesmo os do grupo B referem-se, só excepcionalmente, a famílias proletárias. Os pesquisadores que preencheram os questionários em suas próprias famílias, eram alunos de Escolas Normais Livres, onde o ensino não é gratuito. Famílias proletárias, naturalmente, preferem os estabelecimentos públicos de ensino normal. Mesmo aí, o seu número não é elevado como mostram estudos anteriores (WILLEMS, 1940).

A apuração dos dados, no que diz respeito à nacionalidade, deu este resultado:

Relações vicinais amistosas entre:

- | | |
|---------------------------------|--------------------|
| (1) Brasileiros e Brasileiros | 98 casos ou 38,4% |
| (2) Brasileiros e Estrangeiros | 108 casos ou 42,3% |
| (3) Estrangeiros e Estrangeiros | 35 casos ou 13,7% |

Em 14 questionários (5,4%) não havia indicação alguma quanto à nacionalidade dos vizinhos.

A célebre frase muito repetida de que os “estrangeiros segregam” não encontra confirmação alguma nos resultados deste trabalho.

As profissões foram classificadas como sendo de “nível igual” e de “nível diferente”. Outra divisão não foi possível devido à grande diferenciação das indicações e o número relativamente pequeno de casos. Assim, os casos distribuíram-se como segue:

Relações vicinais amistosas entre

Profissões de nível igual	161 casos ou 63,1%
Profissões de nível diferente	66 casos ou 25,8%
28 (10,9%) foram excluídos por falta de indicações precisas.	

O “nível igual” significa, aqui, um mínimo de distância social. O “nível diferente” exprime superioridade ou inferioridade e, portanto, distâncias sociais em função das diferenças hierárquicas da pirâmide profissional.

Em 144 casos (56,5%), as relações vicinais assumiram um caráter íntimo. Assim, 33 questionários assinalaram “conselhos entre vizinhos”; 18 “confidências”; 2 “resolução de problemas domésticos”; 6 “trabalhos domésticos”; 2 “troca de ideias”; 4 “estudos”; 3 “empréstimo de dinheiro” e 11 “enfermagem”.

Nem sempre é fácil a verificação se em determinados casos houve transmissão de dados culturais. Muitos questionários se limitaram à informação um tanto lacônica de que se trocaram “conselhos” entre vizinhos. Uma simples troca de conselhos pode, no entanto, conduzir à transmissão de certos padrões de comportamento.

Em muitas famílias de origem européia, por exemplo, a infidelidade conjugal do marido facilmente ocasiona sanções da esposa (abandono do lar, divórcio, desquite, ou, também, infidelidade), ao passo que as reações da esposa brasileira costumam ser menos violentas. Pode-se presumir que, na hipótese da infidelidade conjugal, a estrangeira aconselha seus próprios padrões de comportamento a esposa brasileira. Assim, a mera troca de conselhos torna-se uma transmissão cultural.

Da mesma forma, serviços domésticos, enfermagem, etc. podem envolver a difusão a de conhecimentos ou atitudes próprias de certas culturas ou povos. Na lista que faço a seguir é preciso interpretar, portanto, o termo “transmissão cultural” no sentido mais amplo. Figura aí tudo quanto pode levar direta ou indiretamente à difusão cultural no grupo vicinal.

Transmissão de dados culturais entre vizinhos

Andar de bicicleta	1
Aulas	4
Compras	2
Confidências	18
Conhecimentos de crochê	4
Conselhos	33
Conhecimentos de tricô	10
Costumes (Marcar os dias de visitas na semana)	5
Crenças	9
Empréstimo de dinheiro	3
Empréstimo de livros	12
Empréstimo de objetos	4
Enfermagem	11
Estudo entre vizinhos	4
Expressões linguísticas (sírrio, alemão, italiano)	1
Modelos de vestidos	8
Música (ensino)	1
Penteados	1
Pequenos serviços	2

Preceitos higiênicos	2
Problemas domésticos (resolução)	2
Receitas culinárias	28
Redação de cartas	1
Remédios caseiros	14
Riscos para bordados	7
Trabalhos domésticos	6
Trezenas a Santo Antoninho	2
Troca de conhecimentos científicos	1
Usos	8
Vendas	2
Total	222
	casos

Indiferença

O número de casos que se caracterizam pela ausência de quaisquer relações vicinais foi de 158, ou seja, 36,3% do total. A porcentagem é menor do que se poderia esperar em virtude de quase todos os casos se localizarem numa área metropolitana, com exclusão quase completa da zona suburbana.

A distribuição sobre os bairros da Capital deu os seguintes quadros:

<i>Grupo A</i>		<i>Grupo B</i>	
Aclimação	5	Água Branca	2
Bela Vista	17	Alto do Pari	2
Cambuci	4	Belém	9
Campos Elíseos	11	Braz	3
Cerqueira César	4	Bom Retiro	2
Cidade	3	Casa Verde	1
Consolação	1	Freguesia do Ó	1
Higienópolis	2	Ipiranga	5
Jardim América	6	Mooca	1
Jardim Paulista	4	Penha	3
Liberdade	9	Pinheiros	4
Luz	1	Total	33
Paraíso	1		
Sant'Ana	5	33 casos ou 20,8%	
Santa Cecília	4		
Santa Ifigênia	1		
Vila Buarque	5		
Vila Clementino	3		
Vila Mariana	24		
Vila Pompéia	6		
Total	125		

125 casos ou 79,1%

Como se vê, a distribuição dos casos por grupos de bairros não é muito diferente do quadro que apresenta a apuração das relações amistosas.

Quanto à nacionalidade das pessoas perquiridas, verificou-se que não havia relações vicinais quaisquer, entre?

(1) Brasileiros e Brasileiros 60 casos 37,9%

(2) Brasileiros e Estrangeiros	62 casos	39,2%
(3) Estrangeiros e Estrangeiros	12 casos	7,5%

Em 24 casos (15,1%) não havia indicação alguma quanto à nacionalidade dos vizinhos

Também esse quadro não é essencialmente diferente do primeiro, referente às relações amistosas. Não havia relações vicinais entre:

(1) Profissões de nível igual	107 casos	67,7%
(2) Profissões de nível diferente	66 casos	15,8%

28 casos (16,4%) foram desprezados por falta de indicações precisas sobre a profissão

Relações hostis

Os 10 casos de relações hostis representam apenas 2,3% do total. Uma porcentagem tão diminuta pode surpreender, mas é preciso não esquecer que estamos na pequena e média burguesia, onde desavenças e brigas são proscritas porque prejudicam a “distinção”. O receio de ser “vulgar” leva, não raro, à tolerância forçada. Uma pesquisa feita entre vizinhos proletários revelaria, de certo, um número muito maior de relações de hostilidade, pois, como já se disse, a vizinhança é, nesse meio, uma formação muito mais espontânea.

A distribuição dos 10 casos de hostilidade vicinal é perfeitamente inexpressiva. Cinco casos foram observados entre brasileiros e, também, 5 entre brasileiros e estrangeiros. Seis casos ocorreram entre profissões de nível igual e 4 entre profissões de nível diferente.

*

Muitas objeções poderão ser levantadas contra o valor da presente pesquisa. Já disse que se trata apenas de um ensaio destinado antes a mostrar as possibilidades inerentes a tais trabalhos de campo, mas também os defeitos e incorreções. O próprio questionário é longo e talvez obscuro, pois alguns itens não foram devidamente compreendidos, (o primeiro, por exemplo). Os pesquisadores deixaram de responder a alguns quesitos, e muitas respostas não puderam ser aproveitadas. Assim, o resultado ficou muito aquém das possibilidades do questionário.

A definição das classes deixa muito a desejar. Quanto à nacionalidade, uma discriminação mais detalhada será indispensável. Todavia, não se deve esquecer de que não foram pesquisadores treinados que realizaram o trabalho, mas sim principiantes.

Enfim, o número de casos é bastante reduzido para admitir conclusões válidas. A função dos bairros e diferenças de classes não pôde ser averiguada, devido, principalmente, à homogeneidade social dos pesquisados (e pesquisadores). Contrariamente talvez à expectativa, as diferenças de nacionalidade não impedem relações vicinais. A transmissão de dados culturais observada em 222 casos ultrapassa, possivelmente à expectativa. O resultado do inquérito parece indicar uma importância maior da vizinhança do que se podia esperar, levando em conta as classes sociais dos perquiridos e a sua localização metropolitana.

Em futuras pesquisas sobre vizinhança, em meios cosmopolitas ou etnicamente mistos, uma discriminação minuciosa dos quesitos referentes à transmissão de dados culturais será de grande utilidade. Indicações como “conselhos”, “confidências”, “usos”, “costumes”, “crenças”, “serviços”, etc. são extremamente vagas. Somente uma definição prévia em forma de nomenclatura inclusa no questionário poderá resolver satisfatoriamente essa questão.

Referências¹⁰

Azevedo, Aluizio. *O cortiço*. Rio de Janeiro: Editora B. L. Garnier, 1980.

Günter, Adolf. *Die Alpenländische Gesellschaft als sozialer und politischer, wirtschaftlicher und kultureller Lebenskreis*, Jena: Fischer, 1930.

Thurnwald, Richard. *Die menschliche gesellschaft in ihren ethno-soziologischen grundlagen*, 5 vols., Berlin und Leipzig: W. de Gruyter & co., 1931-1935.

Willems, Emílio. Ensaio sobre a diferenciação dos processos de seleção e eliminação na população de São Paulo. *Revista do Arquivo Municipal*, n. 66, 1940.

¹⁰ As referências finais completas foram colocadas pela RBSE.